

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES DRAMÁTICAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM TEATRO**

BRUNA BUCHORN BIERHALS

**A PERSONAGEM REAL E FICTÍCIA: UMA RELAÇÃO ENTRE AS
PERSONAGENS E A MULHER**

PORTO ALEGRE 2018

BRUNA BUCHORN BIERHALS

**A PERSONAGEM REAL E FICTÍCIA: UMA RELAÇÃO ENTRE AS
PERSONAGENS E A MULHER**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Arte Dramática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Bacharel em Teatro.

Orientadora: Professora Doutora Luciana Morteo Éboli

PORTO ALEGRE
2018

BRUNA BUCHORN BIERHALS

**A PERSONAGEM REAL E FICTÍCIA: UMA RELAÇÃO ENTRE AS
PERSONAGENS E A MULHER**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Arte Dramática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Bacharel em Teatro.

Orientadora: Professora Doutora Luciana Morteo Éboli

Porto Alegre, _____ de dezembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Luciana Morteo Éboli
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (orientadora)

Prof. Me. Francisco de Assis de Almeida Júnior
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof^a Dr^a Cristiane Werlang
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por todo apoio e suporte durante esse percurso.

À Deus, por abrir as portas dos meus sonhos.

À minha orientadora, Prof. Luciana Morteo Éboli, pela paciência e incentivo acompanhados sempre de um sorriso no rosto.

Aos amigos, especialmente Tainara Fisher, pela acolhida e abraços nos dias difíceis e Vitor Jacob pelo carinho e ajuda com a tradução.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar personagens femininas de Shakespeare, fazendo um paralelo com personagens nos contos de fadas. E a partir da análise dessas personagens, refletir sobre a mulher real, seus anseios e os padrões que se repetem. Além de observar sobre o quanto as personagens tem um papel importante, do quanto as personagens imitam o real – principalmente a personagem no teatro. Porque as personagens são capazes de auxiliar na percepção e descobrimento na vida das mulheres, provocando não só a reflexão mas também a mudança, a transformação, a reinvenção e libertação das mulheres.

Palavras-chave: personagens; mulher; Shakespeare; contos de fadas; teatro

ABSTRACT

This academic paper aims to analyze female characters in the Shakespeare works, making a comparison with the characters of the Fairy Tales. From the analyze of these characters, this study reflects about the real woman, her yearnings and the standards that are always repeating to her. In addition to observe how much the characters have an important role, and how much they copy the reality – mainly the character in the theater plays. Because the characters are able to help with the perception and discovery of the women's lives, causing not just the reflection but also the change, the transformation, the reinvention, and liberation of women.

Keywords: characters; woman; Shakespeare; fairy tales; theater

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: O CONTO DE FADAS DA MULHER.....	8
2 CORDÉLIA E BRANCA DE NEVE: CUSPINDO UMA NOVA MULHER.....	14
3 OFÉLIA, OS SAPATINHOS VERMELHOS E A MULHER ENLOUQUECIDA.....	20
4 JULIETA, CHAPEUZINHO VERMELHO: MULHERES QUE ENFRENTAM..	25
5 A PERSONAGEM NA DRAMATURGIA COMO AGENTE TRANSFORMADORA.....	29
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
7 REFERÊNCIAS.....	34

1. O CONTO DE FADAS DA MULHER

Desde pequenas, é comum que grande parte das mulheres, seja treinada para a dependência, para a obediência e para serem boas meninas, boas mães e boas esposas, até mesmo nos dias de hoje. Ao contrário, os meninos são ensinados a fugir dessa dependência, a se aventurar nas brincadeiras que indicam mais perigo, e são livres para cair e machucar o joelho enquanto as meninas temos sempre uma mão protetora ajudando a subir na árvore, isso quando se pode subir nela, afinal muitas vezes elas são rotuladas como frágeis demais. Essa superproteção vinda dos pais implica em uma ajuda excessiva, que nada mais faz do que colocar a menina numa bolha de cuidados não permitindo que ela caia, se machuque, lide com a dor e aprenda a como subir e como descer da árvore. E isso afeta diretamente na autoconfiança, porque parece que não somos capazes sozinhas, porque indica que precisamos da segurança de ter alguém ajudando ou apoiando caso não consigamos, e faz parecer que sozinhas não conseguimos. E sem autoconfiança a independência fica ainda mais distante, enquanto a necessidade de apoiar-nos em alguém, de sermos cuidadas e preservadas dos perigos só aumenta e fica mais e mais próxima. E assim, nos tornamos mulheres adultas incapazes de lidar com alguns “perigos”, com situações que necessitem de independência e autoridade. Um dia acordamos e estão nos dizendo “É hora de subir aquela árvore gigante”, mas nós não sabemos, porque nunca sequer nos deixaram tentar sozinhas. Porque sempre tinha uma escadinha ali, alguém dizendo que era “assim-e-assado”, falando qual árvore podia e qual não. Não nos deixaram escalar sem ajuda, não nos deixaram experimentar a dor de cair nem a delícia de levantar, eles simplesmente nos pegaram no colo e nos ninaram até dormir após a queda, quando ela acontecia.

Ainda crianças já nos treinam para sermos um protótipo ideal, nos ensinam a reprimir nossos impulsos na tentativa de parecermos agradáveis, gentis, doces, boazinhas. E crescemos assim, com nossos instintos, impulsos, vontades e desejos reprimidos, guardados, escondidos em um sótão tão escuro que nem nós mesmas nos damos conta de que eles existem. E agora que não estamos mais na infância, que não somos mais a “filhinha do papai e da mamãe”, que estamos crescidas e adultas nos vemos, muitas vezes, perdidas e

novamente em busca de apoio de outrem, de algum suporte que nos faça sentir segurança. Porque surge o medo, o medo de ter que lidar com o novo, de ter que descobrir o melhor caminho e de ter que caminhar com as próprias pernas sem ninguém para levar no colo. E então esperamos pela salvação, por alguém que nos encontre e nos ajude como éramos ajudadas na infância, que seja o suporte e o alívio para a nossa dependência que foi alimentada durante todo o período até a fase adulta, e que agora é um monstro gigante e ainda faminto.

As mulheres são ensinadas a crer que, algum dia, de algum modo, serão salvas. Esse é o conto de fadas, a mensagem de vida que ingerimos juntamente com o leite materno (DOWLING, 2012, p. 09).

E quanto tempo a espera dessa salvação pode durar? Às vezes quase uma vida toda. Uma grande parte da vida se conformando com a comodidade, com a infelicidade e insatisfação simplesmente pelo fato de esperar que um dia alguém apareça ou algo aconteça e essa situação mude. Esperando a escadinha para subir naquela árvore cheia de maçãs deliciosas porque não tem coragem ou confiança o suficiente para escalar até lá em cima, pegar e devorar aquela maçã, mesmo que haja uma enorme vontade de fazer isso. Não são poucas as mulheres que tem muitos sonhos, muitos planos e ambições mas não conseguem se aventurar nessa vida nova que anseiam, ou porque tem uma vida doméstica atarefada demais e filhos para cuidar ou porque acham que não são capazes, que precisam de um empurrãozinho, que aquilo é superior demais ou distante demais. E talvez de fato seja distante, porque a autonomia não está logo ali, mas nós sabemos andar e sabemos correr, não precisamos nos arrastar em uma vida cheia de abdições em prol de segurança, conforto ou proteção. Nós podemos sim aprender a subir em árvores sozinhas e quando descobrimos isso, não há solo que nos prenda. Porque ficar no alto é bom sim - embora fizeram parecer que não o é - é perigoso, causa machucados e arranhões muitas vezes, mas a vista de lá nos permite enxergar além, nos permite ver o que aqui no chão nos ensinaram a não ver: que somos livres, somos donas de nós e da nossa vida e que somos capazes, extremamente capazes.

Além disso, durante nosso treinamento para sermos “boazinhas” somos ensinadas a relevar algumas situações que nos causem incômodo, dor ou tristeza. Somos ensinadas a “dourar” algumas esquisitices que não são

agradáveis. Chimamanda Ngozi em seu livro *Sejamos Todos Feministas* fala como as mulheres “foram criadas para acreditar que ser benquista é muito importante” (NGOZI, 2015, p. 28). É por isso que muitas mulheres se apoiam em parceiros destrutivos, relevando tal coisa aqui, tal coisa ali e pensando que talvez isso seja normal, que não é tão ruim assim, ponderando coisas além do que deveria, sem perder a “pose” de mulher querida e sensata. E assim a mulher passa a viver falsamente, tentando não enxergar a sua real situação, quando na verdade poderia – e deveria – estar vivendo livremente, ao invés de estar perdendo uma fase de desdobramento da sua vida e da sua maturidade. Esse excesso de normalidade contamina de tal modo que a mulher passa a ter uma vida rotineira e sem disposição sendo que não era isso que ela pretendia antes de entrar nessa armadilha.

Embora atualmente as mulheres já não dediquem suas vidas em busca de um príncipe encantado, nem tão pouco do casamento, não são poucas as mulheres que veem no casamento a maior segurança de suas vidas, e talvez até nem pensem conscientemente que estão fazendo isso e pareçam independentes, seguras de si e confiantes, mas estão de certa forma se apoiando nessa vida de “brincar de casinha” para garantir proteção e estabilidade. Há sempre tantas tarefas a terminar de modo que a mulher fica envolta por tantos serviços e afazeres que se esquece dos seus sonhos. Essas vontades permanecem ali guardadinhas, mas elas vão sendo varridas para baixo do tapete, porque afinal de contas não há tempo, e mais do que isso, não há coragem para enfrentar o novo. Para largar a comodidade do lar e ir em busca da tal faculdade, do tal emprego. “Ai, mas já sou velha demais” “Ah talvez quando as crianças estiverem maiores” “Talvez eu nem queira tanto assim isso”. E assim ela continua no mesmo lugar, seja ele dentro de casa ou então naquele emprego monótono que ela tanto detesta, colocando a culpa na falta de tempo e no cansaço.

Porque resolver terra, fazer supermercado e ser uma boa – e sustentada – “parceira” provocavam menos ansiedade do que sair pelo mundo e lutar por si mesma (DOWLING, 2012, p. 12).

Essa comodidade não é preguiça ou falta de vontade, ela está entrelaçada à dependência, à falta de confiança e coragem para enfrentar o desconhecido

sozinha. Envoltas nessa comodidade, os sonhos ficam para depois, até que um dia aquele tapete já está tão cheio de vontades de baixo dele, que não é mais possível esconder, então a infelicidade vem à tona, as crises de ansiedade surgem e a mulher não consegue mais suportar sua situação de passividade. Essa busca por proteção, conforto, amor e entre outras tantas coisas só mostra o quanto fomos superprotegidas. Isso revela a base da infância, onde a segurança e o amor estavam sempre ali e revela ainda mais: que emocionalmente, ainda somos meninhas desprotegidas e com medo, demonstra que somos realmente ingênuas. E essa ingenuidade nos faz cair e ficar presas em armadilhas, simplesmente porque fomos privadas de andar sozinhas e aprender a desviar, desarmar e escapar dessas armadilhas, e agora estamos nelas e parecemos não saber sair, sejam essas armadilhas parceiros agressivos, familiares autoritários, chefes ou qualquer outro alguém ou situação que afete diretamente a vida (e principalmente a vida emocional) da mulher.

Muitas vezes a mulher se apoia em outrem exatamente pela falta de confiança e pela “fragilidade” que quase sempre é atribuída a ela. Desde pequenos, os meninos são estimulados a coisas mais perigosas porque são “mais fortes” e aguentam mais e assim esse rótulo segue até a vida adulta. Em uma maneira geral, os homens são mais fortes fisicamente, mas isso não é atributo para fazer do homem um ser melhor, mais inteligente, o líder de tudo.

Tanto um homem quanto uma mulher podem ser inteligentes, inovadores, criativos. Nós evoluímos. Mas nossas ideias de gênero ainda deixam a desejar (NGOZI, 2015, p.21).

A suposta fragilidade que muitos insinuam existir na maioria das mulheres, só causa nestas mesmas mais insegurança e conseqüentemente dependência. E como se desvencilhar da dependência se fomos educadas a partir do medo? Do medo dos lobos-maus, das florestas desertas, das coisas novas e secretas? Sem que se perceba, esse medo se aloja em nós e vivemos diariamente com ele. Aquele bicho papão em baixo da cama agora pode estar morando dentro de nós mesmas, e talvez seja ele a nossa insegurança, aquela voz que diz “Tudo é perigoso lá fora” “Não, você não é capaz disso” “O que será de você se sair desse lugar seguro?” “Vá por aqui porque é mais fácil e seguro”. O medo de fracassar, de descobrir, de enxergar de verdade os fatos e ter que

lidar com eles, sejam bons ou ruins não é fácil de exterminar, porque estivemos andando de mãos dadas com ele desde a infância quando nossos pais nos apavoravam com contos de fadas, histórias ou avisos de perigo.

A fobia de muitas mulheres tem raízes no fato de elas terem tido pais superprotetores. Pais que atemorizavam suas filhas, diziam a elas que não deviam sair com homens desconhecidos, que deviam voltar para casa cedo, que, se não tomassem cuidado, seriam estupradas (DOWLING, 2012, p. 56).

É óbvio que os perigos existem, principalmente quando somos crianças e mais ainda se formos crianças meninas, não há como negar essa realidade nem tão pouco dizer que as crianças não precisam de alertas ao perigo ou proteção. Mas acontece que o excesso de proteção faz a menina – e depois a mulher - agir sempre abraçada no medo, e esse medo não é benéfico a partir do momento que ele é tão grande a ponto de fazer com que ela deixe de agir em alguns preciosos momentos, que ele se torne um medo que paralisa, que danifica a coragem e a curiosidade por tentar coisas novas e desafiadoras. Porque deixando de arriscar, deixa-se de errar, de aprender e de saber se prevenir e agir nas próximas situações parecidas que aparecerem no seu caminho, e então o risco será cada vez menor uma vez que a mulher souber se prevenir e enxergar as armadilhas sozinha.

O que precisamos para combater a dependência, a falta de autoconfiança e o medo é emancipar-nos interiormente, mas antes de tudo, é preciso repensar algumas questões ligadas ao gênero.

[...] E é assim que devemos começar: precisamos criar nossas filhas de uma maneira diferente. Também precisamos criar nossos filhos de uma maneira diferente (NGOZI, 2015, p.30).

Diferente de forma que os homens não tenham que possuir toda essa masculinidade, e sejam treinados para isso desde pequenos, nem tão pouco as mulheres tenham que ficar com toda fragilidade e submissão ao “mais forte” e “mais corajoso”. Não é preciso que todas as meninas tenham que ser gentis e doces para não deixarem de ser femininas, até porque ser boazinha não faz a vida ser linda e florida. As meninas não devem ser ensinadas, como o são na maioria das vezes, a se curvarem para os meninos – e mais tarde para os

homens – a se diminuïrem e se encolher só porque o lugar deles tem de ser o de líderes e o de mais fortes sempre.

É preciso ser o que se é e não o que tem de se ser, é preciso lidar com frustrações, impulsos, intuições e tudo mais que nos fizeram guardar a sete chaves para que parecêssemos calmas, gentis e boas. Precisamos passar a enxergar nossas situações e enfrentá-las como as mulheres que realmente somos. Falar alto se preciso, gritar, ser grossa, mandona, o que tiver de ser. Se fomos criadas com o medo sempre do nosso lado, é hora de encarar esse medo nos olhos e enxergar quem realmente ele é. Não vivemos nos contos de fadas que nos contaram, e se não conseguimos escapar dessas histórias, talvez seja hora de analisá-las e, se necessário, tomar um rumo diferente da princesa doce que esperou pelo príncipe. Afinal de contas, eis aqui uma notícia: o príncipe encantado morreu.

Muito do ser humano podemos encontrar em personagens, na dramaturgia, nos contos, no palco e por isso, muito do que diz respeito à mulher e a seu papel em sociedade. A arte de fato imita a vida e, talvez exatamente por imitar a realidade, é que podemos ver tantas questões ligadas à mulher em personagens femininas. Antigas ou atuais, fantásticas ou não, as personagens tem muito a nos mostrar, servem não só como análise mas também como reflexão e como uma lupa gigante que aumenta questões e situações a tal ponto que enxergamos com muita clareza. Por isso é que as personagens são de muita utilidade para as mulheres.

As mulheres em Shakespeare são mulheres inspiradas na história e na vida real, e por mais que ele tratasse da mulher com base na sua época, ainda assim podemos ver o reflexo de situações que muitas mulheres atuais ainda se encontram, mesmo que em contextos diferentes. São três as personagens que escolhi para tal análise: Cordélia, da peça *Rei Lear*, Ofélia, de *Hamlet* e Julieta de *Romeu e Julieta*. Junto delas, aparecem as personagens dos contos de fadas *Chapeuzinho Vermelho*, *Os Sapatinhos Vermelhos* e *Branca de neve* para mostrar que até mesmo no fantástico e nos contos de fadas essas situações permeiam a vida das meninas. As personagens, não importa de onde venham, tem o poder de chegar até todos e mostrar o que tem de ser mostrado.

2. CORDÉLIA E BRANCA DE NEVE: CUSPINDO UMA NOVA MULHER

Em Rei Lear, o rei tem três filhas e deseja dividir entre as três suas terras e propriedades, porém ele o fará de acordo com o afeto que cada filha provar ter por sua pessoa. As duas primeiras filhas (Goneril e Regana) encham o pai de palavras carinhosas, juram amor e outras infinitas coisas, mas quando chega a vez de Cordélia falar, ela não se submete as palavras exageradas e falsas das irmãs. Ainda assim, suas palavras são pronunciadas de forma gentil e muito cuidadosa. Se as duas irmãs mais velhas, falam com amor e gentileza para agradar ao rei, Cordélia, mesmo que não pronunciando as mentiras que as irmãs dizem, está tentando também ser agradável ao pai. Muitas mulheres também fazem isso na vida real. De certa forma, estamos a todo tempo, medindo nossas palavras quando se trata de “alguém superior” ou de uma figura que nos represente poder e segurança, isso tudo devido a insegurança, ao medo e a dependência que reside em nós.

O medo e a insegurança modelam o modo como falamos: nossa dicção, nossa escolha de palavras, nossa entonação, nosso tom costumeiro de hesitação, até mesmo a altura de nossas emissões sonoras [...] (DOWLING, 2012, p. 40).

Cordélia, ao mesmo tempo em que se mostra uma figura de transgressão ao se negar a dizer o que o pai deseja ouvir para ganhar um “prêmio” no final, também não deixa de ser a figura de menina “boazinha”. Talvez o fato de não mimar o pai com palavras falsas e dizer a verdade, falando que seu amor não cabe em palavras, se dê ao fato de ser excessivamente uma “boa menina”. De não mentir, não querer tirar proveito para si mesma, não trair o pai, àquele que lhe fornece tanto carinho, proteção e cuidados.

CORDÉLIA: Meu bom senhor, tu me geraste, me educaste, amaste. Retribuo cumprindo o meu dever de obedecer-te, honrar-te, e amar-te acima de todas as coisas (SHAKESPEARE, 1997, p.9).

Não se sabe até que ponto Cordélia fala a verdade porque assim é sua vontade ou então porque foi ensinada a ser sempre boa, verdadeira e gentil. Porque em nenhum momento ela deixa de ser doce e gentil com o pai, ela não se mostra rebelde ou indiferente a ele, pelo contrário, a todo instante ela

demonstra amor e submissão. E mesmo assim sua atitude é rejeitada pelo rei, ela é deserdada e expulsa, somente por demonstrar, segundo a visão do pai, que era desobediente. Porque não basta ser doce e gentil, isso não garante proteção alguma, Cordélia é simplesmente expulsa.

LEAR: Pois se assim é, assim seja: tua verdade será então teu dote. Pelo sagrado resplendor do sol, pelos mistérios de Hécata, deusa do céu e do inferno, pelo negror da noite, por todos os giros das esferas celestes por cujos eflúvios passamos a existir ou deixamos de ser, renego aqui todas as minhas obrigações de pai, parentesco e afinidade de sangue, e, de hoje em diante, e para todo o sempre, te considero estranha a meu coração e a mim mesmo (SHAKESPEARE, 1997, p. 9).

O mesmo ocorre no conto Branca de Neve, dos irmãos Grimm. Branca de Neve também é expulsa, por ordem da madrasta, quando é abandonada pelo caçador na floresta. Se antes Branca de Neve vivia pacificamente e sem conflitos sob os cuidados do pai, agora ela está completamente sozinha numa floresta.

Mesmo na idade adulta, a maioria das mulheres em algum momento de suas vidas se encontram como Cordélia e como Branca de Neve: colocadas sozinhas em uma floresta, expulsas de casa, tendo que lidar com essa nova forma de vida e garantir sua própria sobrevivência. Isso se deve não somente a falta de amadurecimento emocional quanto também a dependência adquirida na infância que insiste em sobreviver na maioria das mulheres mesmo que já adultas

Todos somos expulsos um dia do paraíso original da infância, quando todos nossos desejos pareciam ser satisfeitos sem esforços de nossa parte (BETTELHEIM, 2009, p. 38).

Ambas personagens se encontram, de uma hora para a outra, tendo que sair de casa: Cordélia saindo para um casamento arranjado porque foi desobediente e não somente seu lar não é mais seu, mas seu pai e toda sua proteção também o deixam de ser, e Branca de Neve adentrando uma floresta escura porque seu lar também não é mais seu. Mas até que ponto Cordélia é desobediente sendo que suas atitudes são as típicas atitudes de uma menina treinada pelos bons costumes e bons modos?

Ela é a menina “bem educada”, regrada e que deve obediência à família – nesse caso ao pai, e não é nem um pouco raro reconhecermos meninas e mulheres reais que agem exatamente como Cordélia. Que são ensinadas a obedecer todos e tudo que for “maior” que elas e mais importante que elas, que devem respeito e que prostram suas vidas em torno daquele alguém que lhes oferece proteção e amor. E um dia elas percebem que ser “boazinha”, que agir com todo cuidado, que falar em tom baixo e de forma gentil, que abdicar das suas vontades em prol dessa pessoa, não adianta de nada. Um dia elas percebem que, mesmo fazendo tudo isso, o rezinho das suas vidas (seja ele a pessoa que for: marido, namorado, chefe, mãe, pai) não está satisfeito, que ele nunca está satisfeito, que é preciso ser mais obediente, que é preciso falar as coisas que ele quer ou que então será expulsa, e muitas vezes ela é.

Se Cordélia não profere palavras exageradas devido a sua verdade, ou melhor, à verdade que foi ensinada a crer, as duas irmãs o fazem. Elas sabem e aprenderam o que devem falar para agradar e para então serem recompensadas, nada mais estão fazendo do que serem obedientes em troca de estabilidade, conforto e uma suposta liberdade. Sim, suposta liberdade sim. Ambas as duas pensam que bajulando o pai ganharão suas terras e então serão livres, deixarão de ter que ser obedientes ao rei e passarão a reinar sobre suas próprias vidas. Elas são tão ingênuas quanto a irmã mais nova, Cordélia.

As meninas tem sua capacidade de se fazerem seres humanos independentes cortada pelas atitudes protetoras dos pais – tais como se tivessem os pés atados (DOWLING, 2012, p. 67).

Embora tenham ganho as terras e a liberdade de sair do ninho do pai, as duas não ganham independência ou liberdade. O rei continua perseguindo as filhas, querendo comandar elas e as terras igualmente como fazia antes. Elas não queriam mais ser governadas por ele, mas fizeram isso submetendo-se às vontades dele, como esperar liberdade uma vez que essa liberdade depende de submissão e obediência? Não podemos acreditar que, ao sermos obedientes e fazer àquilo que esperam que façamos, seremos retribuídas com liberdade.

A submissão é aliada da dependência e uma vez que a mulher se submete a fazer coisas para agradar alguém em troca de proteção, conforto ou em troca de uma liberdade dos seus problemas, conflitos ou medos, ela está na

verdade se prendendo ainda mais. Está enganando a si mesma, achando que agora está em um reino que é seu, que finalmente tem seu lar, mas na verdade está sendo governada, aquele lugar onde vive não foi construído por ela, foi cedido por alguém e esse alguém é que manda ali. E isso vai implicar em estresse, dor e incômodo assim como as duas irmãs sofrem com as incessantes visitas do rei que quer continuar dominando tudo. É realmente preciso rejeitar ser governada novamente, mas também é preciso, antes de tudo, sair das terras que tentam te governar. E não voltar. Porque Cordélia mesmo depois de expulsa, mesmo depois de ganhar a oportunidade de ser livre, longe dos cuidados ultra protetores e limitadores do pai, retorna para ele quando descobre da sua situação.

Essa é uma das grandes armadilhas presentes na vida de Cordélia e de Branca de Neve: a volta para a dependência. Branca de Neve não retorna para o seu lar (até porque está ameaçada de morte) mas ela encontra um lar onde se proteger, onde pode ganhar comodidade e conforto novamente. E essa é uma armadilha que qualquer mulher que acabara de conhecer a liberdade de se virar sozinha pode cair, a armadilha da proteção. Isso pode acontecer pelo simples fato da proteção, ou superproteção em muitos casos, ganhada na infância, e por isso a necessidade de apoiar-se na primeira ajuda que enxergar, em entrar na primeira casa que encontrar na floresta ou então voltar para aquele que a rejeitou, como é o caso de Cordélia.

E ela volta mesmo que tenha sido expulsa, mesmo que tenha que ter abdicado de tantas coisas, mesmo tendo tentado ser perfeita e ter sido rejeitada por isso. Fazendo isso, ela está se submetendo novamente à privação, a privação de ser quem é e de fazer e falar o que bem entender. Ela está, igual a Branca de Neve no caso dos anões, se submetendo a entrar numa casinha tão pequena, tão apertada, onde ela não se encaixa perfeitamente. E Branca de Neve faz isso porque essa casa, mesmo que não do seu tamanho, é uma garantia, é uma maneira de não ficar sozinha, e afinal de contas, ela sempre foi criada dentro de uma proteção.

E quantas mulheres retornam para a dependência, alegando as desculpas mais descabidas só para novamente sentirem-se seguras e protegidas como eram na infância e como foram grande parte de suas vidas. Quantas mulheres abandonam uma prisão mas logo depois estão procurando por algo em que se

segurar, algo em que se prender novamente. E dizem voltar por amor, por compaixão, porque são mais felizes assim, mas na verdade voltam por um só motivo: o medo. O medo da solidão, da independência, da ausência de proteção, da falta de conforto e comodidade, o medo de se tornarem mulheres e deixarem de ser as meninhas do papai e da mamãe. E muitas vezes acabam se apoiando em falsas proteções, assim como o pai de Cordélia e os anões, no caso da Branca de Neve. Ambos não as protegem, eles são figuras que, ao contrário, prejudicam e limitam as duas personagens. Porque a falsa proteção pode fazer exatamente isso, limitar a mulher, trazer a dependência, aprisionar, impedindo ela de crescer e lidar com seus conflitos. Porque Cordélia, ao voltar para o pai, está de certa forma retornando para esse lugar de dependência, está jogando fora assim como Branca de Neve, a oportunidade de seguir sem toda essa proteção.

Mas mesmo buscando e encontrando novamente essa “proteção” e uma vida pacífica, os conflitos podem voltar a aparecer, uma bruxa pode a qualquer momento bater na porta ou a morte pode chegar. Branca de Neve é totalmente ingênua a ponto de abrir a porta para a bruxa, mais de uma vez, ou seja, ela saiu daquele lar mas a rainha ainda tem poder sobre ela, assim como Cordélia volta para o rei mesmo depois de ter sido renegada como filha por ele. E o mesmo pode acontecer com a mulher que continua dependente de alguma maneira na sua vida, que não se emancipa (seja emocionalmente ou não), porque dessa forma ela permite que coisas exteriores tenham ainda poder sobre ela, coisas que ela deveria saber reconhecer como destrutivas e negativas para sua vida e bem-estar físico-emocional. Mas Cordélia e Branca não sabem ainda, porque elas mal saíram de uma dependência e já se ativeram a outra, Branca aos anões e Cordélia ao marido.

Cordélia, suas duas irmãs e Branca de Neve, acabam mortas. Não importa como se faça, a obediência e dependência sempre leva a mulher à ruína. Cordélia foi verdadeira e uma boa menina como sempre fora ensinada a ser, Goneril e Regana falaram àquilo que sabiam que tinham que falar, porque assim também foram ensinadas, Branca de Neve não fez nada de mal à rainha. E mesmo assim, nenhuma delas escapou da morte. Elas não foram protegidas, não adiantou de nada seguir “as regras” porque o prêmio no final não é um prêmio, a proteção no final não passa de uma falsa proteção. Muitas mulheres

precisam enxergar isso: que não vale a pena abdicar de quem se é, ser gentil, pacata, “boa” e amável em troca de proteção, porque essa proteção não existe. Ela é uma proteção falsa, que desmorona, morre.

No caso de Branca de Neve, a morte se dá muitas vezes, mas ela é salva todas essas vezes, e talvez continue cometendo o erro de abrir a porta porque inconscientemente pensa que sempre será salva. E talvez a mulher real permaneça também ingênua, abrindo a porta para as bruxas, porque no fundo ela espera ser salva por alguém. É preciso que enxergar que a salvação não tem que vir do outro, que ela tem que partir de si mesma, que a salvação pode estar em prevenir, em enxergar o mal e saber evitá-lo.

Branca de Neve, ao cuspir a maçã, acorda. Mas Cordélia não tem essa mesma sorte, a sua decisão de voltar para o pai, culmina em algo muito mais decisivo. E talvez, Cordélia precisasse exatamente disso: acordar. De notar que ser expulsa de um lugar que te aprisiona não é ruim, é sim difícil caminhar com as próprias pernas uma vez que sempre ser carregada no colo, mas é libertador. Acordar significa quem sabe ter a chance de encontrar um castelo e um reino só seu, de ser a rainha da sua própria vida, de batalhar contra seus medos e vencer um de cada vez, em uma batalha diária. Porque sim, as batalhas são diárias. Fomos, na maioria das vezes, treinadas para sermos assim, nos tornamos esse protótipo e parece que não sabemos ser outra coisa, parece que não sabemos ser nós mesmas, as mulheres reais, singulares e diferentes que somos, mas nós conseguimos. E tudo bem errar e voltar quando não o deveria ter feito, tudo bem errar e abrir a porta para a bruxa. Depois de todas essas coisas, adquire-se experiência, a consciência de que a dependência pode matar, que quem parece protetor nem sempre o é, que tem coisas e pessoas que devoram a alma e os sonhos.

É sempre tempo de acordar e renascer, assim como Branca de Neve que, com o movimento do caixão, cospe a maçã e volta à vida. Não é o príncipe em si que a salva, mas o movimento do caixão. E às vezes o que se precisa é isso, movimentar-se, cuspir a maçã. Cuspir uma nova mulher, segura de si, madura em relação a sua independência, uma mulher que não precisa retornar e morrer para aprender.

3. OFÉLIA, OS SAPATINHOS VERMELHOS E A MULHER ENLOUQUECIDA

Ofélia é mais uma personagem marcante nas obras de Shakespeare. Por mais que ela apareça em poucas cenas, é impossível falar de Hamlet sem lembrar da personagem Ofélia. Ela é o típico modelo da época de “mulher boa”, obediente, gentil e doce, assim como as outras personagens também. E por mais que o tempo tenha passado, como já dito anteriormente, esses modelos ainda se repetem porque a nossa cultura e até mesmo os pais e mães ainda tentam moldar suas filhas para serem parecidas com Ofélia: gentis, sem aumentar o tom de voz, obedecendo sempre às ordens, seguindo o patriarcado. O fato talvez seja de que, hoje em dia, esses treinamentos de “boa menina” estejam mais camuflados, mais sutis, de forma que pareça que as meninas têm mais liberdade no seu crescimento e no seu desenvolvimento pessoal, mas a verdade é que as regras estão sempre ali sendo impostas a nós. Estão sempre tentando nos podar.

A personagem em questão, é completamente submissa às vontades do pai e do irmão – e não só deles, pode-se dizer que Ofélia é submissa a todos. Não só submissa, ela parece não ter voz, não ter autonomia de pensar e agir por si mesma.

Completamente circunscrita pelo poder patriarcal, Ofélia é obrigada a reprimir não apenas sua sexualidade, mas também a anular a sua identidade, a qual, tendo sido construída tomando como referência exclusivamente a vontade dos outros, não teve oportunidade de florescer. As excessivas pressões as quais é submetida culminam na perda de seu senso de realidade e na sua decorrente loucura (CAMATI, 2008, p. 136-137).

A questão da repressão sexual está muito presente nessa obra, e mais ainda em volta de Ofélia. Mas não só dela, desde muito novas as meninas são repreendidas quanto aos seus desejos, instintos selvagens (ou melhor, instintos naturais) enquanto os meninos são alimentados desde cedo a serem “predadores” e não são reprimidos sexualmente nem tão pouco ensinados a se preservar, guardar, se trancar a sete chaves. Essa é mais uma dentre as tantas pressões que Ofélia – e que todas meninas sofrem. Para ser “boa” é preciso sempre estar numa medida de gentil o suficiente mas não quieta demais, autêntica mas sem jamais falar alto ou expressar demais sua opinião,

obedecendo sem contestar, fazendo isso ou aquilo em detrimento do gosto e da vontade dos outros, anulando a sua verdade, os seu desejos, amontoando em baixo do tapete os sonhos, os gritos, a sua verdadeira e única identidade, a mulher que realmente é e que deveria estar sendo ao invés de esconde-la e reprimi-la.

[...] Assim o seu desejo se submete
À voz e ao comando desse corpo
Do qual ele é a cabeça. Se ele afirma
Que te ama, cabe a ti acreditar
Somente no que possam permitir
A sua posição e a Dinamarca (Shakespeare, 1995, p. 45).

Ser tudo para todos e acabar não sendo nada para si mesma, ser tudo o tempo todo e não ser a mulher livre, selvagem, feroz, solta que poderia ser. Essas infinitas pressões não só anulam a identidade verdadeira de Ofélia – e nossa – como também a impede de crescer, de amadurecer, de passar por estágios de descobrimento sobre ela mesma, sobre sua vida criativa, pessoal, emocional e etc.

Não bastassem todas as pressões, Ofélia também é mantida como que num círculo de proteção pelo pai e pelo irmão. A superproteção que é tão comum quando se trata de filhas meninas, uma proteção que impede que a menina se torne forte, acredite que é capaz sozinha, aprenda a lidar com situações, lide com o medo e amadureça de forma eficaz. É essa superproteção que culmina na loucura de Ofélia. Quando ela se vê longe de Hamlet, e se depara com a morte do pai e do irmão, entende-se como sozinha, perdida, sem saber o que fazer e como agir. Abdicar da sua natureza para adequar-se e ser “boa”, “melhor” e mais protegida pode realmente trazer uma dependência tão gigantesca, uma prisão tão esmagadora, causadora de loucura.

No conto Os Sapatinhos Vermelhos, a loucura também se faz presente pelos mesmos motivos. Existem muitas versões desse conto, e uma das mais conhecidas é a versão escrita por Hans Andersen. Eu utilizarei, entretanto, a versão encontrada no livro As Mulheres que Correm com os Lobos porque, além de bastante parecida e acessível, essa versão não traz à tona questões ligadas a igreja e religião que na versão de Andersen aparecem. O conto retrata a história de uma menina órfã que usava um par de sapatinhos vermelhos velhos feitos por ela mesma, e que um dia entra em uma carruagem dourada de uma

velha senhora e se torna uma menina com condições de comprar outros sapatos. Seus sapatinhos vermelhos feitos à mão são jogados fora e a menina compra novos sapatos, mas não sapatos pretos, escondida, ela escolhe por um par de sapatos vermelhos muito chamativos.

A história parece ser muito tranquila e feliz, mas não o é. Essa nova vida da menina, esses novos sapatos, trazem consigo uma dependência e uma superproteção que levam ela a loucura. Ao colocar esses novos sapatos vermelhos, os pés da menina começam a dançar incansavelmente, fazendo-a rodopiar por todos os lugares, sem controle dos seus próprios pés. Seus pés estão loucos, a menina está enlouquecida, dançando sem conseguir parar. Se Ofélia já está cercada de proteção e conforto, a menina dos sapatinhos vermelhos abdica da sua liberdade para ganhar tal proteção. Entrar na carruagem é tão tentador, parece tão mais fácil e menos doloroso, mas não o é. A velha senhora que adota a menina, passa a ter o mesmo papel que o pai e o irmão de Ofélia, o de dona e comandante.

Tanto o pai de Ofélia como essa velha senhora podem ser vistos como o ensinamento que grande parte das mulheres recebem seja dois pais, seja da sociedade ou da cultura. São como alguém que diz “faça assim e não assim” “seja uma boa menina e cale-se” “comporte-se” “não seja curiosa” “não chame atenção” “se ajuste a isso”. E concordando com essas milhares de vozes a todo instante, concordando em ser bem-educada e “boazinha” a mulher abre a possibilidade de ser domesticada, fazendo com que a sua verdade, a sua essência e a sua natureza sejam aprisionadas, proibidas de sair e aparecerem. Essas ordens, condições e limitações só fazem com que a mulher permaneça ingênua emocionalmente e psicologicamente, pois elas não permitem a expansão e eliminam qualquer oportunidade de crescimento e independência. Por isso Ofélia enlouquece, porque ela não sabe lidar sozinha com questões tão fortes, porque ela foi o tempo toda impedida de agir e pensar com sua própria vontade.

A proteção excessiva nunca pode ser a base da vida de uma mulher, porque nenhuma proteção é imortal e a qualquer hora ela pode acabar, principalmente se for uma falsa proteção. A menina dos sapatos vermelhos enlouquece ao dançar uma dança que não é sua, ao abdicar dos seus sapatos feitos por ela mesma, sob medida e que se encaixavam tão perfeitamente na sua

vida para ir para outra vida e calçar sapatos que dominam seus pés, que a fazem dançar mesmo sem que ela deseje isso. Ofélia sempre dançou uma dança que não é sua, ela sempre esteve submissa, vivendo sob os cuidados e comandos do pai e do irmão. Ofélia dançava a única dança que lhe ensinaram, ela nunca sequer teve a permissão e a chance de experimentar dançar com seus próprios pés e suas próprias vontades. E agora, longe dessas pessoas que comandavam seus pés, ela não sabe mais dançar, por isso enlouquece. Essa sua loucura é uma fuga, e uma fuga não só de si mesma, como de todas as pressões e regras a qual foi colocada a vida toda e que, mesmo assim, não lhe garantiram proteção e felicidade.

Quando ela enlouquece, parece ganhar voz. Ofélia não fala coisas sem sentido, ela inclusive fala algumas verdades sobre a nobreza dinamarquesa, coisa que jamais faria quando estava presa às convenções que lhe eram impostas. A loucura é a porta para a verdade sair. E logo depois dessa loucura acontecer, nossa personagem é encontrada morta. Como elas morrem. Como nós morremos. Se nos contos de fadas é possível renascer e se tornar uma mulher mais sábia e madura, nas personagens dramáticas isso não acontece. Mas tem uma notícia boa: na vida real, as mulheres que passam por essas privações, podem sim renascer. Essa loucura não precisa ser infinita, ela pode ser passageira.

Talvez através dessa loucura é que a verdade venha à tona, como aconteceu com Ofélia, mesmo que brevemente. Por um instante, ela ganhou voz e disse palavras que realmente vinham dela e não do pai ou do irmão. Mas é também preciso fazer como a menina dos sapatos vermelhos, que ao enlouquecer dançando a mando dos sapatos, toma a difícil decisão de cortar os pés para se livrar da dependência causada pelo calçado. É preciso deixar morrer o que aprisiona, cortar da vida todos os sapatos que impedem a liberdade e a dança própria. Observar e descobrir o que tem causado a loucura, e então livrar-se disso, aprender a andar de outra maneira, a descobrir sua real dança, e não se contentar em dançar aquela que foi imposta.

Se ao enlouquecer Ofélia fala coisas que nunca teria tido coragem de falar antes, então talvez seja preciso enlouquecer, no sentido de não ouvir tanto os outros, as regras, o certo e o errado (que os outros decidem por nós ser certo ou errado) e deixar sua voz e vontades vir para fora. Talvez é preciso enlouquecer

para perceber o quão doente já se estava. Uma árvore às vezes precisa morrer para que através da sua raiz ela retorne outra, ainda mais viva e saudável.

4. JULIETA, CHAPEUZINHO VERMELHO: MULHERES QUE ENFRENTAM

Uma das obras mais conhecidas no teatro, Romeu e Julieta é uma tragédia que merece estar aqui, não só pela sua importância no mundo teatral mas também porque ela tem uma personagem muito marcante e que pode muito nos mostrar e fazer refletir. Para começar, diferente das outras duas obras (Rei Lear e Hamlet) esta traz em seu nome não somente o nome do herói, mas também o da heroína, o que pode se dar ao fato da relevância que a mulher passava a ganhar naquela sociedade. Mas Julieta não se diferencia tanto assim das personagens anteriores, e é interessante notar que um padrão parece se repetir não só nessas três personagens, como também nas personagens dos contos. Há sempre um cordão umbilical que parece ligar todas essas meninas/mulheres e que as faz, mesmo que diferentes, tão parecidas. Sabemos que um dos porquês disso se dê à forma como a mulher era criada antigamente e que ainda hoje é treinada desse assim, mesmo que de maneira mais “sutil”.

Julieta é também uma menina educada, obediente ao pai e mãe, superprotegida, doce e cuidadosa em suas palavras.

SRA. CAPULETO
Diga: o amor de Paris a agrada?
JULIETA
Sim, se ao olhar sentir-me apaixonada.
Porém mais longe eu nunca hei de ir,
Que o vôo que a senhora consentir (SHAKESPEARE, 1997,
p.47).

Ela aceita a decisão do pai de se casar com Paris, de maneira rápida e muito agradável, se mostra completamente submissa e obediente, vivendo aquilo que os outros escolhem para ela, decidindo não só sobre o seu futuro, mas sobre a sua vida. Ela se parece muito com Ofélia nesse primeiro momento, como se não tivesse voz, vontade própria e o poder de decidir sozinha.

Quando são cortados os vínculos de uma mulher com sua fonte de origem, ela fica esterilizada, e seus instintos e ciclos naturais são perdidos, em virtude de uma subordinação à cultura, ao intelecto ou ao ego – dela própria ou de outros (ESTES, 1999, p. 12).

Julieta está esterilizada, sua identidade parece estar perdida em algum lugar e a subordinação às vontades do pai e da mãe prevalecem. Quanto disso não

acontece aqui, no nosso cotidiano, com tantas e tantas mulheres? Quantas mulheres estão aceitando e abanando que sim com a cabeça a decisão de outras pessoas sobre suas vidas? Ou porque são novas demais para decidir por si mesmas, ou porque sempre foi assim desde cedo e agora parece algo tão natural que passa até despercebido. É um “sim” aqui, um “eu aceito” ali, um “eu posso sim” acolá de forma que a mulher perde a voz, perde a capacidade de decidir por si mesma e, ainda mais além, perde a mulher que naturalmente seria. Passa a achar que talvez precise de uma opinião de alguém que entenda, que seja mais inteligente, mais seguro, mais forte, mais alguma coisa. Reprime seus desejos porque dizem ser errado, esconde-se dentro de si mesma, ignora a sua própria vontade, a sua intuição, aquilo que ela sabe que quer mas que muitas vezes tem medo de querer. Mas Julieta se rebela. Ah, Julieta se rebela! Tão nova, apenas 14 anos e quebra com todos os padrões que vinha seguindo cegamente.

E ela quebra com esses padrões de repente, mesmo com tão pouca idade, assim como acontece no conto Chapeuzinho Vermelho. Chapeuzinho também vivia sob os cuidados da mãe, mas em um dia, quando ganhou a liberdade de ir sozinha até a casa da avó, ela decidiu ser desobediente à mãe, não por pura maldade ou rebeldia, mas porque era curiosa. É claro que são níveis de desobediência bastante diferentes, mas é através da desobediência que ambas as personagens se transformam em outras mulheres. A curiosidade de Chapeuzinho aliada à ingenuidade, faz com que a menina dê conversa para o lobo, colocando-a em perigo e em situação de risco. Mas correr risco não é sempre negativo, e ser privada de todos os riscos (inclusive dos mais pequenos e bobos, como escalar uma árvore, por exemplo), só torna cada vez mais mulheres a ficarem parecidas com Chapeuzinho logo após passear pela primeira vez sozinha na floresta: ingênuas e sem saber lidar e reconhecer o perigo.

Se não houvesse algo em nós que aprecia o lobo mau, ele não teria poder sobre nós. Por conseguinte, é importante entender sua natureza, mas ainda mais importante é aprender o que a torna atraente para nós. Por mais atraente que seja a ingenuidade, é perigoso permanecer ingênuo toda a vida. (BETHELLEN, 2009, p. 10)

E Julieta não permanece ingênua, obedecendo às vontades do pai e da mãe como se fossem as coisas certas sobre sua vida. Mas, para isso, ela precisa

enfrenta-los, deixar de ser a menina que dizia sim para tudo e lutar por aquilo que quer, mesmo que isso tenha que ser feito contra a vontade de quem antes ela sempre seguia.

Para amadurecer e deixar de ser a menina ingênua, Chapeuzinho também tem que enfrentar o lobo, ela não faz isso logo que encontra o lobo na floresta, primeiro porque não reconhece o perigo existente no lobo e segundo porque ela parece adiar o encontro com o lobo, quando conta o caminho para a casa da vovó. Mas adiar o encontro com o lobo, só faz com que lá na frente ele se disfarce ainda mais, dificultando a saída de Chapeuzinho daquela situação.

Porque adiar o problema não soluciona as coisas, é preciso lidar de frente com ele já que, uma hora ou outra, se chegará a casa da avó e o lobo estará lá. A menina até desconfia do lobo ao chegar na casa da avó, ela questiona sobre os olhos, as orelhas e várias coisas que lhe causaram uma certa estranheza, mas parece não querer enxergar que aquela não é sua avó e sim um lobo faminto. Ela está, como acontece com a mulher real muitas vezes, colocando em prática o ensinamento de não contestar demais, de “dourar” as coisas, mesmo que o faça não de forma consciente, afinal de contas isso é algo que está enraizado já.

E assim a menina do chapéu vermelho é engolida, permanecendo durante um curto período dentro da barriga escura do lobo. Essa escuridão remete à solidão, ao medo, à falta de perspectiva de mudança, ao comodismo e a submissão, porque lá dentro Chapeuzinho não consegue fazer absolutamente nada. Em comparação, parece que Julieta viveu durante muito tempo dentro da barriga do lobo, dentro desse lugar de submissão, onde não conseguia fazer nada, onde estava de forma acomodada e passiva, sendo uma filha “boa” e obediente.

Mas Chapeuzinho salta dessa barriga com o auxílio do caçador e Julieta salta dessa vida de submissão com o aparecimento de uma paixão. Não importa aqui o motivo ou quem as fizeram sair dessa situação de passividade e prisão, mas sim o despertar de Julieta e o saltar de Chapeuzinho Vermelho. Agora elas são novas mulheres, não são mais somente as meninas obedientes seguindo em linha reta, obedecendo a tudo e vivendo suas vidas a partir das escolhas de outrem. Julieta se rebela, Chapeuzinho coloca pedras no lobo e o

mata, enfrentando de vez o problema, porque agora ela sabe que é preciso realmente combater esse problema.

Para que ela esteja a salvo no futuro, deve ser capaz de acabar com o sedutor, livrar-se dele. Se o pai-caçador o fizesse por ela, Chapeuzinho nunca sentiria que realmente vencera sua fraqueza, porque não teria se libertado dela. (BETHELLEN, 2009, p. 15).

É enfrentando o lobo e dando um fim definitivo nele que Chapeuzinho descobre o quanto é forte. É enfrentando os pais e lutando em busca de sua paixão que Julieta não somente descobre o que realmente quer para sua vida mas também consequentemente se torna dona de si, uma mulher com voz e com determinação para ir atrás do que almeja, sem abdicar disso em prol dos seus pais.

Julieta segue firme no que acredita, mesmo que isso pareça errado aos olhos dos outros, ela resiste e não abre mão do que quer, vai em busca disso até os últimos momentos. A resistência é algo natural, é algo que vem não só com o ser humano mas com os animais também, e portanto ela está nas mulheres também, embora em Julieta isso não aparecesse antes, porque justamente não é algo que lhe foi ensinado, pelo contrário, ela foi ensinada a dizer que sim e aceitar o desejo dos pais. Assim como ela o fez, é necessário usar mais dessa resistência, resistir não só no sentido de continuar mas também no de se tornar firme e fortalecida. Julieta tem um fim trágico assim como as demais personagens, mas ela morre sem voltar atrás, sem deixar de seguir o que acredita. A paixão sacudiu Julieta e a fez não ser só de Romeu, mas a fez ser sua: porque toda vez que uma mulher abandona a prisão em que vive para seguir sua vontade e sua verdade (sejam elas quais forem), ela passa a se tornar cada dia mais sua, mais perto daquilo que teria sido se não fossem todas as privações pelo caminho.

5. A PERSONAGEM NA DRAMATURGIA COMO AGENTE TRANSFORMADORA

Através do contos, das dramaturgias e das personagens nelas existentes o ouvinte, leitor e espectador (no caso do teatro) participam dos eventos e não somente ficam numa descrição fria que não os dá a imagem realmente das coisas. Se um conto já é uma semente plantada em nós, se ele já é capaz de nos fazer carregar a personagem durante algum período, a personagem de teatro se faz viva diante de nós. Ela não é somente uma semente, mas a planta já em forma de muda, apenas esperando nosso solo fértil.

A personagem de teatro se difere da personagem dos romances e contos, porque no teatro a personagem constitui praticamente a totalidade da obra, ou seja, nada existe a não ser através das personagens, enquanto que no romance a personagem é um elemento entre tantos outros, mesmo ainda sendo o principal. É claro que em praticamente todas as histórias ou narrações a personagem constitui a ficção, ou seja, ela é de suma importância. Acontece que, no teatro, a personagem não só constitui a ficção como carrega ela consigo, porque é a personagem que “funda” o próprio espetáculo, isso através da atriz. Mesmo que na literatura e nos contos as personagens constituam a ficção, e evidenciam a ficção, elas podem ser dispensadas por algum tempo, através do uso de palavras e imagens, porém no teatro isso não é possível porque o palco não pode permanecer vazio, não vazio sem personagem.

A personagem no teatro também não necessita de narração, a única narrativa que há no texto dramático é a rubrica, mas ela se extingue totalmente no palco porque os atores e o cenário são quem intervêm para assumi-la, ou seja, ela nos é apresentada como se de fato fosse a própria realidade. Aqui, diferente dos contos, não são as palavras que constituem as personagens e seu ambiente, são as personagens que absorveram as palavras do texto e passam a constituí-las, tornando-se a fonte delas (através das atrizes), exatamente como acontece na realidade. Embora as personagens de teatro sejam ficcionais, a ilusão de realidade que é criada em cena, torna as personagens ainda mais reais e humanizadas, o que pode trazer como consequência a identificação com a personagem, reconhecer-se ali, de enxergar suas atitudes, seu modo de vida, o modo de agir...enfim, encontrar na personagem resquícios de si.

Tanto o teatro como a literatura falam do ser humano, a diferença é que no teatro isso se faz através do próprio homem, com a presença do ator. Enquanto que os contos ficam, geralmente, na narração o teatro vai diretamente para a ação, mas é exatamente por ir para a ação e para a representação que os aspectos das personagens são em geral menos mostrados do que nas histórias, romances, contos e etc porque estes tem descrições e narrações mais detalhadas. Porém, mesmo que sejam menores estes aspectos na personagem de teatro, a partir da representação eles aparecem de maneira contínua e de modo “sensível”, trazendo vida à personagem e dando a ela um poder gigantesco. Porque as personagens tem poder, as personagens são, de certa forma, uma imitação do real e através delas podemos não só contemplar situações como vive-las.

Mas por mais que as personagens sejam imitações do ser humano real, elas não deixam de ser personagens ficcionais, até mesmo porque as pessoas reais tem infinitas características que não são possíveis serem todas transpostas para uma personagem. Não que isso seja negativo, pois com essa limitação na personagem de ficção, ela acaba tendo maior coerência que as pessoas reais, maior significância e por isso também tem maior exemplaridade porque nelas há uma concentração, uma seleção, densidade e um contexto imaginário escolhidos pelo autor que reúnem coisas da realidade de forma consistente, evidenciando aquela personagem e suas características, atitudes, comportamentos.

Através da ficção e da personagem o ser humano pode se tornar transparente à nossa visão, porque esses seres ficcionais serão projetados de forma intencional, a partir da personagem é possível viver possibilidades que a própria vida pessoal talvez não permitisse viver, ou então contemplar e reconhecer coisas em na sua vida que não seria capaz de fazer. Até porque, muitas vezes quando estamos vivendo algum momento e estamos dentro dele, não paramos para analisar ou contemplar exatamente pelo fato de estarmos muito envolvidos nele, e mesmo observando alguém próximo passar por alguma situação, não suscita as mesmas emoções, pensamentos e reflexões que a vivencia da personagem traz.

A ficção é um lugar em que o homem pode viver e contemplar, através de personagens variadas a plenitude da sua condição, e em que se torna transparente a si mesmo; lugar em que, transformando-se imaginariamente no outro, vivendo outros papéis e destacando-se de si mesmo, verifica, realiza e vive a sua condição fundamental de ser auto consciente e livre, capaz de desdobrar-se, distanciar-se de si mesmo e de objetificar a sua própria situação (CANDIDO, 1970, p. 38).

Portanto, as personagens podem auxiliar não só no reconhecimento do nosso papel em sociedade, mas também servir como instrumento de análise. A mulher pode reconhecer-se na personagem e viver através da personagem, coisas e situações que talvez se encontre mas não reconheça. Ela pode, ao defrontar-se com a personagem a sua frente, ver seu reflexo em Ofélia, em Julieta ou em Cordélia. E não trata-se somente em ver, trata-se além disso de reconhecer-se, porque a partir do choque com a personagem, do encontro, a mulher tem a possibilidade de refletir sobre o quanto seu destino pode estar também indo de encontro ao de tal personagem, uma vez que suas atitudes são muito parecidas com ela. A personagem pode ser uma agente de transformação, e não só porque através de um espetáculo saímos transformados e carregando emoções e pensamentos ganhos naquele momento, mas porque ela é capaz de adentrar e abrir os olhos para situações e padrões.

Porque, querendo ou não, as personagens acabam refletindo em si alguns padrões que se repetem na realidade. Algumas situações, coisas culturais e sociais, papéis do ser humano e questões também ligadas ao gênero. As mulheres de hoje em dia tiveram sim muitas conquistas, não são mais as princesas dos contos de fadas nem tão pouco vivem na época das mulheres presentes nas obras de Shakespeare, mas é inegável as raízes que ainda amarram muitas mulheres até os dias de hoje, as questões e os treinamentos que ainda sobrevivem até os dias atuais. As personagens estão para representar mas também para alertar, sugerir, instigar, quem sabe, a raiva com determinada situação, a intolerância – porque não é preciso tolerar esse lugar de submissão -, incitar a mudança, a transformação. É preciso reconhecer-se em determinadas situações e lugares, para poder despertar e se mudar daquele lugar.

A personagem traz a possibilidade de reconhecimento e a oportunidade de ver o que algumas determinações, atitudes e situações podem trazer de consequência. Porque a personagem vive essas consequências até o fim do espetáculo, seja qual for essa consequência. Nada vai parar, nada vai impedir

de que aquilo que está predestinado para ela aconteça. E ver essas consequências, pode servir como um estalo, um beliscão que acorda a mulher para situações que talvez ela também esteja vivendo ou prestes a entrar. A personagem é uma agente de alerta, de transformação.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As personagens e as mulheres reais são poderosas. Todas as personagens até este trabalho trazidas foram, em algum momento, mortas. Mas a única morte que, nós mulheres aqui da vida real, queremos é daquilo que nos prende, das coisas, sentimentos e pensamentos que nos aprisionam. Somos curiosas sim, mas cansamos de ser ingênuas e dar conversa para o lobo, porque a Chapeuzinho nos ensinou a confrontá-lo; somos livres e queremos seguir a nossa natureza, o nosso instinto, os nossos desejos e dançar a nossa dança. Cansamos de engolir maçãs envenenadas e estamos cuspiendo tudo, tudo que não é nosso, tudo que é imposto a nós, enfiado goela abaixo desde que somos crianças. Não vamos dizer palavras bonitas só porque tem ouvidos que desejam ouvi-las, não vamos ser gentis, boazinhas, com a voz doce, com a cabeça sempre balançando a dizer que sim. Não queremos mais viver em baixo de uma superproteção falsa, esmagadora e dependente.

A mulher redescobriu o seu valor. E ela não diz mais sim para tudo, ela não recua, ela resiste. Ela existe. Nos contos de fadas, renascendo sempre após a morte causada por outros; na personagem diante de nós no palco, e aqui, na vida real. Os padrões podem e precisam ser quebrados, mas enquanto não o são é importante atentar-se ao quanto eles podem influenciar e prejudicar as nossas vidas.

Que venham novas Chapeuzinhos lutadoras, Brancas de Neves que correm ao invés de esperar pelo príncipe, Ofélias independentes, Cordélias com vez e voz e Julietas cada vez mais rebeldes e seguras de si. Que essas personagens não só nos sirvam de reflexão sobre o papel da mulher, ou como análise psicológica da mulher real, mas que sirvam principalmente como agentes transformadoras, personagens exemplares, tanto no sentido do que repetir como do que não ser e não se deixar ser jamais. Porque a personagem é tudo isso, uma imitação do real, um meio de reconhecimento, uma recriação, um meio de reinvenção. E no teatro a personagem se torna ainda mais viva, mais direta, mostra-se diante do público, não só representando e mostrando situações mas instigando, chamando para aquele mundo fictício e, de certa forma, transformando o mundo da pessoa que assiste. Que através dessas personagens a transformação aconteça, seja ela qual for.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETHELLEN, B. A psicanálise dos contos de fadas: na terra das fadas. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2009

CAMATI, A. O lugar da mulher na sociedade elisabetana – jaimesca e na criação poética de Shakespeare. Curitiba: Editora Beatrice, 2008

CANDIDO, A. A personagem de ficção. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970

DOWLING, C. Complexo de cinderela. Cidade: Melhoramentos, 2012

ESTES, C. Mulheres que correm com os lobos. Rio de Janeiro: Rocco, 1999

GRIMM, I. Os contos de Grimm. São Paulo: Paulus Editora, 2014

NGOZI, C. Sejam todos feministas. São Paulo: Companhia das Letras, 2015

SHAKESPEARE, W. Hamlet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995

SHAKESPEARE, W. Rei Lear. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997

SHAKESPEARE, W. Romeu e Julieta. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997